



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

PAULA BEATRIZ MORAES DOS SANTOS

**A DANÇA COMO PRÁTICA INCLUSIVA EM ESPAÇOS NÃO
FORMAIS DE EDUCAÇÃO**

BELÉM

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

PAULA BEATRIZ MORAES DOS SANTOS

**A DANÇA COMO PRÁTICA INCLUSIVA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Dança da Universidade
Federal do Pará, como requisito parcial para
obtenção de grau de licenciatura em dança.
Orientadora: Prof. Dra. Lane Viana Krejcová

BELÉM
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA

S237d Santos, Paula Beatriz Moraes dos
A dança como prática inclusiva em espaços não formais de
educação / Paula Beatriz Moraes dos Santos. 2026.
32 f.

Orientador(a): Prof. Dra. Lane Viana Krejcová

Trabalho de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de
Licenciatura em Dança, Belém, 2026.

1. Dança. 2. Educação inclusiva. 3. Neurodivergência. 4.
Desenvolvimento integral. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.807

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezessete dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e seis, às dezesseis horas, no Auditório Pavel Krejci - Clínica Viver Tv Castelo Branco 1097 São Brás, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelas docentes: Profa. Dra. Lane Viana Krejcová (Orientadora e Presidente da Sessão), Profa. Esp. Roberta Suellen Ferreira de Castro (Membro Interno) e Profa. Prof. Esp. Edson Eduardo Fragoso dos Santos (Membro Externo), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**A DANÇA COMO PRÁTICA INCLUSIVA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO**", de autoria da aluna: Paula Beatriz Moraes dos Santos: 202006040034, da turma: 2022, do Curso de Licenciatura em Dança. Iniciado os trabalhos, a Presidente da Sessão apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e em seguida convidou a aluna para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, a discente foi arguida pelos membros da banca, que atribuíram conceito EXCELENTE ao seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim APROVADA (aprovado/reprovado), conforme normas regulamentares. Nada mais havendo a tratar, eu, presidente(a) da banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pela aluna.

Presidente da Banca

Membro da Banca

Membro da Banca

Aluno (a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que com a sua infinita bondade até aqui me sustentou, me deu saúde e forças para seguir com os meus sonhos, sem a presença dele nada disso estaria acontecendo em minha vida.

A minha mãe, Paula Moraes que abdicou toda a sua vida para cuidar de mim e do meu irmão, que por tantas vezes mesmo sem forças permaneceu de pé, que trabalhou arduamente na casa de várias pessoas para pagar meus figurinos e nunca me deixou fora de nenhuma apresentação, que ficava horas sentada na calçada me esperando fazer a prova do Enem, que festejou incansavelmente minha aprovação, que me incentiva, me acolhe, que cuida e que ama.

Ao meu pai, Joel Santos que nunca mediu esforços para me ver feliz e realizada que por tantas vezes abdicou sua vida e renunciou aos seus sonhos para viver e realizar o meu, sempre cuidou e me amou com tanto carinho e respeito.

Ao meu companheiro, Sávio farias que esteve ao meu lado durante toda essa jornada, que me apoiou e me incentivou em cada processo, que me buscava todas as noites no cursinho e nos dias de ensaio, que sempre me aplaudiu e permaneceu até hoje.

Aos meus avos, Otoniel Tavares que hoje não está mais aqui comigo, mas que tanto me incentivou a estudar, a correr atrás dos meus sonhos e que sempre me dizia que o mundo era meu, as minhas avós Heliana Santos e Sonia Moraes que tanto me apoiaram e apoiam até hoje em tudo, muito obrigada.

Gradeço a três pessoas que foram essenciais na minha jornada como aluna e profissional, a minha tia, Nayara Santos que me apresentou e me inseriu no mundo da dança, que sempre me incentivou e torceu por mim, ao meu primo, Eliwelton Nascimento que sempre esteve disposto a me ajudar, que esteve comigo em toda minha fase estudantil, que me ajudou em todos os momentos no qual estive na faculdade, e que sempre esteve presente em todos os momentos, a minha primeira professora de dança em 2005, Simone Pereira minha eterna gratidão, obrigada por ter me acolhido tão bem na sua turma, se hoje eu amo a dança e sou essa profissional eu devo muito a você.

A minha orientadora, Profº Dr. Lane Viana Krejcová, obrigada por toda dedicação, paciência e acolhimento, sem você isso não seria possível.

A DANÇA COMO PRÁTICA INCLUSIVA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar a importância da dança em ambientes não formais de educação como prática pedagógica inclusiva, com ênfase em suas contribuições para o desenvolvimento social, emocional, cultural e motor de alunos neurodivergentes – compreendidos aqui como pessoas com condições como Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexia e discalculia. A pesquisa parte do entendimento de que a dança transcende o campo artístico e o entretenimento, constituindo-se como uma ferramenta educativa capaz de proporcionar experiências enriquecedoras de aprendizagem, expressão corporal, convivência social e desenvolvimento da autonomia. A investigação fundamenta-se na perspectiva da educação inclusiva e da neurodiversidade, reconhecendo que cada indivíduo possui características, necessidades e potencialidades singulares que devem ser respeitadas e valorizadas no processo educativo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, com aplicação de questionário aos responsáveis de alunos neurodivergentes da academia FUNFIT KIDS, buscando compreender a percepção dos familiares sobre os impactos da dança no desenvolvimento das crianças. Os resultados indicam que a dança em ambientes informais favorece a socialização, a autoestima, o respeito à diversidade e a redução do preconceito, além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, emocionais e culturais. Conclui-se que a dança, quando desenvolvida em espaços não formais, ultrapassa o caráter recreativo e assume um papel educativo transformador, promovendo inclusão, empatia e cidadania, e reafirmando-se como instrumento essencial para o desenvolvimento integral de alunos neurodivergentes.

Palavras chaves; dança; educação não formal; inclusão; neurodivergência; desenvolvimento integral

DANCE AS AN INCLUSIVE PEDAGOGICAL APPROACH IN NON-FORMAL LEARNING ENVIRONMENTS

The present study aims to analyze the importance of dance in non-formal educational settings as an inclusive pedagogical practice, with emphasis on its contributions to the social, emotional, cultural, and motor development of neurodivergent students—understood here as individuals with conditions such as Autism Spectrum Disorder (ASD), Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), dyslexia, and dyscalculia. The research is based on the understanding that dance transcends the artistic field and entertainment, constituting itself as an educational tool capable of providing enriching experiences of learning, bodily expression, social interaction, and the development of autonomy. The investigation is grounded in the perspective of inclusive education and neurodiversity, recognizing that each individual possesses unique characteristics, needs, and potentialities that must be respected and valued in the educational process. To this end, a qualitative study was conducted through the application of a questionnaire to the guardians of neurodivergent students at the FUNFIT KIDS academy, seeking to understand families' perceptions of the impact of dance on children's development. The results indicate that dance in informal settings fosters socialization, self-esteem, respect for diversity, and the reduction of prejudice, while also contributing to the development of motor, cognitive, emotional, and cultural skills. It is concluded that dance, when developed in non-formal spaces, goes beyond its recreational character and assumes a transformative educational role, promoting inclusion, empathy, and citizenship, reaffirming itself as an essential instrument for the holistic development of neurodivergent students.

Keywords: dance; non-formal education; inclusion; neurodivergence; holistic development.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	08
2.1 A dança e a neurodivergência.....	08
2.2 Dança e inclusão.....	09
2.3 Contribuições da dança para o Desenvolvimento Cultural, Emocional e Motor de pessoas neurodivergentes.....	11
2.3.1 <i>Desenvolvimento cultural</i>	11
2.3.2 <i>Desenvolvimento emocional</i>	12
2.3.3 <i>Desenvolvimento motor</i>	13
2.4 A dança no ambiente no ambiente informal: uma perspectiva inclusiva.....	14
3. OBJETIVOS.....	16
3.1 Objetivo geral.....	16
3.2 Objetivos específicos.....	16
4. METODOLOGIA.....	16
3.1 Tipo de estudo.....	18
3.2 Coleta de dados.....	19
5. RESULTADOS & DISCUSSÃO.....	21
5.1 A contribuição da dança para a inclusão de alunos com diferentes características e necessidades no ambiente informal.....	21
5.2 O papel da dança na promoção do respeito à diversidade no ambiente informal.....	23
5.3 A dança como instrumento de socialização dos alunos nas atividades informais.....	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

A neurodivergência refere-se às variações naturais do funcionamento cerebral que fogem ao padrão considerado típico, abrangendo condições como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a dislexia, a discalculia, entre outras. Reconhecer a neurodiversidade significa compreender que cada estudante possui características, necessidades e potencialidades específicas, que devem ser respeitadas, acolhidas e valorizadas no processo de ensino-aprendizagem. Nessa visão, a educação inclusiva procura garantir que todos os alunos tenham oportunidade de participar e se desenvolver, levando em consideração suas singularidades e promovendo a equidade no ambiente educativo (Brasil, 2008).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por algum grau de dificuldade na interação social e na comunicação, além de padrões atípicos de atividades e comportamentos, como dificuldade na transição entre atividades, foco em detalhes e reações incomuns a sensações. Estima-se que cerca de 1 em cada 100 crianças no mundo tenha autismo. O TEA é denominado "espectro" porque suas manifestações variam significativamente entre os indivíduos, abrangendo diferentes níveis de suporte necessários.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por um padrão persistente de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Estima-se que afete de 3% a 7% das crianças em idade escolar. Indivíduos com TDAH frequentemente apresentam dificuldade em manter o foco, seguir instruções e organizar atividades, podendo também apresentar desregulação emocional e baixa tolerância à frustração.

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldades na precisão e/ou fluência na leitura de palavras e na habilidade de decodificação e soletração. A discalculia, por sua vez, é um transtorno específico de aprendizagem que afeta a capacidade de adquirir habilidades aritméticas básicas, manifestando-se por dificuldades no entendimento de números, conceitos matemáticos e na realização de cálculos.

Diante desse cenário, um aspecto importante da dança para pessoas neurodivergentes é a possibilidade de favorecer a comunicação e a expressão de sentimentos. Muitos alunos com

TEA, TDAH e outras condições enfrentam dificuldades para expressar suas emoções por meio da linguagem verbal.

A dança, como linguagem artística, transcende o entretenimento e se constitui como prática educativa e social. Como acadêmica do curso de Licenciatura em Dança pela UFPA, reconheço que a teoria se fortalece quando ancorada nas experiências corporais vivenciadas ao longo da formação. Partindo dessa premissa, organizei este referencial em eixos que dialogam com os objetivos da pesquisa e com a realidade observada na academia FUNFIT KIDS.

Inicialmente, abordo a relação entre dança e neurodivergência, destacando seu potencial para acolher as singularidades de cada sujeito. Em seguida, analiso a dança sob a perspectiva da inclusão, pautada pela equidade e pelo respeito às diferenças. Na sequência, examino suas contribuições para o desenvolvimento cultural, emocional e motor de pessoas neurodivergentes. Por fim, discuto o papel da dança em espaços informais, como centros comunitários e projetos sociais, enquanto ferramenta de pertencimento e formação cidadã.

Diante do exposto, estabelece-se a seguinte pergunta norteadora: de que maneira a dança, enquanto prática pedagógica desenvolvida em ambientes não formais de educação, contribui para a inclusão e para o desenvolvimento cultural, emocional, social e motor de alunos neurodivergentes? O objeto de estudo desta pesquisa circunscreve-se à análise da dança como ferramenta inclusiva especificamente em espaços não formais compreendidos aqui como academias, projetos sociais, centros culturais e espaços comunitários, investigando suas contribuições para o desenvolvimento integral de crianças com TEA, TDAH e outros transtornos do neurodesenvolvimento, a partir da percepção de seus responsáveis.

A partir dessa problemática, esta pesquisa tem como objetivo analisar a importância da dança como prática inclusiva em ambientes não formais de educação, evidenciando suas contribuições para o desenvolvimento integral de alunos neurodivergentes. Espera-se que os resultados possam ampliar as discussões sobre inclusão na dança, contribuindo para a valorização de práticas pedagógicas que respeitem as diferenças, promovam a participação de todos e reafirmem a dança como um instrumento de transformação social, educativa e cultural.

JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar as discussões sobre a dança como prática inclusiva em ambientes não formais de educação, considerando seu potencial para

favorecer o desenvolvimento integral de alunos neurodivergentes. Em uma sociedade que busca consolidar os princípios da educação inclusiva, torna-se fundamental investigar estratégias pedagógicas que promovam o acesso, a participação e a permanência desses alunos em espaços educativos que valorizem suas potencialidades, respeitando suas diferenças e estimulando sua autonomia. O objeto de estudo desta pesquisa delimita-se, portanto, à investigação da dança como prática inclusiva em espaços não formais de educação, com foco em alunos neurodivergentes atendidos na academia FUNFIT KIDS, buscando compreender, a partir da percepção de seus responsáveis, como a dança contribui para seu desenvolvimento integral.

A educação infantil representa a primeira etapa da educação básica e constitui um período essencial para o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, social e cultural das crianças. É nessa fase que são construídas habilidades fundamentais relacionadas à comunicação, à interação social, à coordenação motora e à expressão das emoções. Nesse contexto, a dança destaca-se como uma linguagem artística capaz de favorecer experiências significativas de aprendizagem, ampliando as possibilidades de desenvolvimento por meio do movimento, da criatividade, da ludicidade e da convivência com o outro.

A relevância desta pesquisa também é evidenciada pelos dados educacionais brasileiros. Segundo o Censo Escolar da Educação Básica, o Brasil registrou aproximadamente 46 milhões de matrículas na educação básica em 2025, distribuídas entre escolas públicas e privadas. Desse total, milhões de crianças encontram-se na educação infantil, etapa considerada fundamental para o desenvolvimento integral e para a construção das primeiras experiências de convivência e inclusão escolar. O mesmo levantamento demonstra que as matrículas da educação especial chegaram a 2,5 milhões de estudantes, representando um crescimento de 82% entre 2021 e 2025, com expressivo aumento da presença de crianças com deficiência e transtornos do desenvolvimento já na educação infantil.

Esses dados revelam que um número cada vez maior de crianças com necessidades educacionais específicas está inserido nos espaços educativos, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas que atendam às diferentes formas de aprender e de se expressar. Nesse sentido, a dança, especialmente em ambientes não formais como academias, projetos sociais e centros culturais, apresenta-se como um importante recurso para favorecer o desenvolvimento motor, emocional, social e cultural, criando oportunidades de participação

ativa, fortalecimento da autoestima, interação social e construção do sentimento de pertencimento.

Dessa forma, esta pesquisa torna-se relevante tanto no âmbito acadêmico quanto no social, por contribuir para a produção de conhecimentos sobre a relação entre dança, inclusão e neurodivergência. Além disso, seus resultados poderão subsidiar professores, acadêmicos e profissionais da dança na elaboração de práticas pedagógicas mais inclusivas, contribuindo para que os ambientes não formais de educação se consolidem como espaços acessíveis, acolhedores e comprometidos com a formação integral de todas as crianças.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Dança e a Neurodivergência

A neurodivergência refere-se às diferentes condições como o transtorno do espectro autista (TEA), o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), entre outras. Reconhecer a neurodiversidade significa compreender que cada estudante possui características, necessidades, atenção e potencialidades específicas, que devem ser respeitadas, acolhidas e valorizadas com respeito no processo de ensino-aprendizagem. Nessa visão, a educação inclusiva procura garantir que todos os alunos tenham uma oportunidade de participar e de se desenvolver, levando em consideração suas singularidades e promovendo a equidade no ambiente educativo (Brasil, 2008).

Nesse contexto, um aspecto importante da dança para pessoas neurodivergentes é a possibilidade de favorecer a comunicação e a expressão de sentimentos. Muitos alunos com TEA, TDAH entre outras condições acabam tendo dificuldades para expressar seus sentimentos e emoções por meio da linguagem verbal e corporal. Diante disso, a dança acaba oferecendo uma grande forma de comunicação, dando a liberdade para os alunos manifestarem pensamentos, emoções e percepções através do movimento corporal, atividades e laboratórios. Além disso, a participação nas aulas de dança contribui com a redução da ansiedade, o aumento da concentração, autonomia, socialização e interação com os demais colegas, proporcionando experiências positivas de aprendizagem e socialização. Quando a aula é planejada de forma inclusiva e respeitosa, a dança se torna um espaço de confiança e segurança para os alunos explorarem suas potencialidades e fortalecer a sua identidade, onde acabam atuando efetivamente no ambiente informal, sentindo-se acolhidos, valorizados e pertencentes ao grupo.

Para que essas contribuições se efetivem, as atividades podem ser adaptadas e aplicadas de acordo com o grau de necessidade individual de cada aluno presente, respeitando seus

limites, suas preferências sensoriais, particularidades e limitações. A utilização de estratégias como instruções claras, demonstração prática da atividade, organização e flexibilização do conteúdo faz com que o ambiente se torne mais acolhedor, acessível e bem-quisto. Para Laban (1990), o movimento constitui uma grande forma de organização de pensamentos e de expressão do aluno, dando a chance para que a pessoa consiga desenvolver maior consciência sobre seu corpo e suas emoções.

Ao serem criadas e executadas de forma inclusiva e respeitosa, as aulas de dança transformam a sala em um lugar de refúgio, um espaço seguro e prazeroso para que o aluno explore seus limites e suas potencialidades através da dança e da expressão corporal. Nesse sentido, a dança apresenta-se como uma grande ferramenta inclusiva pedagógica, capaz de ajudar na participação ativa e despertar ainda mais interesse dos alunos neurodivergentes nas atividades. Por meio dos movimentos das expressões corporais, do ritmo e da interação, a dança pode abranger possibilidades ao desenvolvimento das habilidades motoras, coordenação, percepção corporal e também acaba contribuindo para a ampliação das relações, fortalecendo a autoestima e o autoconhecimento.

Além de todos esses benefícios, a dança também contribui fortemente para o fortalecimento do autoconhecimento e da autoestima. Ao observarem suas capacidades e serem reconhecidos por suas conquistas, os sujeitos acabam adquirindo ainda mais confiança em si mesmos. Freire (1996) destaca que a educação deve promover a autonomia, o respeito às diferenças e a valorização das experiências de cada um, princípios que se esbarram nas presentes práticas de dança inclusiva.

Sendo assim, a dança ultrapassa a grandiosidade artística e criativa, sendo uma poderosa aliada educativa que promove a inclusão, empatia, cuidado, respeito com as diferenças e a valorização de cada indivíduo.

2.2 Dança e Inclusão

A educação inclusiva fundamenta-se no princípio de que todos os sujeitos têm o total direito à aprendizagem e à participação em igualdade de oportunidades. Nesse caso, a dança contribui na interação entre os sujeitos, estimulando a cooperação e ajudando a fortalecer o sentimento de pertencimento ao grupo do qual participam. Com isso, Mantoan (2003) afirma que a inclusão exige mudanças nas práticas pedagógicas, de modo que o espaço informal se adapte às necessidades dos alunos, e não o contrário.

Nesse sentido, além de contribuir para a inclusão, a dança auxilia no desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da expressão corporal. Marques (2010) defende que a dança na educação deve ser compreendida como uma forma importante de conhecimento e de expressão cultural, permitindo que cada sujeito crie sua própria identidade por meio do movimento e das vivências coletivas.

Para que esses benefícios se efetivem, o professor desempenha um papel crucial na promoção da dança inclusiva, planejando atividades que fortaleçam, acima de tudo, as singularidades dos alunos e incentivem a participação de todos. Isso implica adaptar algumas estratégias metodológicas, utilizar diferentes recursos e reconhecer que cada pessoa absorve e aprende em seu próprio ritmo, do seu jeito e no seu tempo. Segundo Freire (1996), ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e um compromisso com a prática pedagógica pautada no diálogo.

Os benefícios da atuação docente se estendem também à redução de preconceitos, pois, ao vivenciar experiências em grupo, os alunos desenvolvem empatia, respeito e cooperação, compreendendo que a diversidade é enriquecedora no processo de aprendizagem. Conforme Vygotsky (1998), o desenvolvimento humano ocorre durante as interações sociais, reforçando a importância de ambientes educativos que favorecem a convivência entre diferentes sujeitos. Diante desses aspectos, a dança inclusiva ultrapassa as dimensões artísticas e assume um papel social e educativo, garantindo o acesso à cultura, à participação e ao desenvolvimento integral dos indivíduos. Quando desenvolvida de forma planejada e correta, contribui para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e respeitosa.

Para além do papel social, a dança inclusiva também favorece o desenvolvimento das competências socioemocionais, uma vez que é incentivada pelo respeito às diferenças, pela colaboração e pela convivência entre os sujeitos com diferentes características e habilidades. Durante as aulas de dança, os participantes aprendem a compartilhar experiências, reconhecer o valor da diversidade e trabalhar em grupo, fortalecendo atitudes de empatia e solidariedade. Dessa forma, a dança está presente na formação de cidadãos mais conscientes e preparados para viver em uma sociedade plural.

Essa dimensão se torna ainda mais significativa quando consideramos que o movimento é uma das mais importantes formas pelas quais as crianças exploram o mundo e constroem conhecimentos. Quando as atividades são planejadas de forma inclusiva, todas as crianças têm oportunidade de interagir, participar e desenvolver suas capacidades. Conforme afirma o Brasil (2018), por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as experiências corporais, artísticas e lúdicas são essenciais para garantir o desenvolvimento integral das crianças.

Além do reconhecimento curricular, a dança possibilita romper barreiras atitudinais frequentes no ambiente informal. Muitas vezes, as limitações enfrentadas pelos alunos não estão ligadas às suas condições individuais, mas às barreiras impostas pelo meio, como a falta de acessibilidade, de recursos pedagógicos adequados e de práticas inclusivas. De acordo com Sassaki (2009), a inclusão pressupõe a eliminação dessas barreiras para garantir a participação plena de todas as pessoas na sociedade.

A superação dessas barreiras se articula também com a ampliação das possibilidades de comunicação, especialmente para alunos que apresentam dificuldades na linguagem oral. Por meio da expressão corporal, dos gestos e do movimento, os alunos encontram diferentes maneiras de comunicar sentimentos, emoções e ideias, fortalecendo sua autoestima e sua participação nas aulas coletivas. Essa compreensão está em consonância com os estudos de Vygotsky (1998), que ressaltam a importância das interações sociais e das diferentes formas de linguagem no processo de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Diante do exposto, a dança inclusiva deve ser compreendida como uma prática pedagógica comprometida com os princípios da equidade, do respeito às diferenças e da valorização das potencialidades de cada indivíduo. Ao promover grandes experiências significativas de participação, expressão e convivência, ela contribui não apenas para o desenvolvimento motor e artístico, mas também para a construção de uma educação que tem a diversidade como um elemento essencial para a formação humana.

2.3 Contribuições Da Dança Para O Desenvolvimento Cultural, Emocional E Motor De Pessoas Neurodivergentes

2.3.1 Desenvolvimento Cultural

Como manifestação artística e cultural, a dança possibilita ao aluno ter diversas vivências em sala de aula e em espetáculos, pois o aluno tem um grande contato com diversas culturas e diferentes tradições presentes na sociedade. No contexto informal, essas vivências ampliam a visão cultural e promovem a valorização da diversidade cultural.

No contexto informal, as vivências tornam-se mais significativas, porque permitem que os alunos vivam a dança e tenham ainda mais experiências que vão muito além de uma simples sala de aula, ampliando ainda mais suas possibilidades de aprendizagem e convivência com os colegas. Segundo Marques (2010), a dança na educação possibilita a grande construção dos conhecimentos relacionados à identidade cultural, ao reconhecimento das diferenças e à

valorização das diversas maneiras de expressões existentes na sociedade. Nessa mesma direção, Stinson (2015) destaca que a educação em dança, quando ancorada em uma perspectiva curricular corporificada, permite que os alunos se reconheçam como sujeitos culturais e construtores de sentido por meio do movimento, ampliando sua compreensão sobre si mesmos e sobre o mundo.

Para os alunos neurodivergentes, essas experiências culturais são de uma importância muito significativa, onde eles têm a oportunidade de terem desenvolvimento pessoal e social, uma vez que a participação em atividades de dança favorece o sentimento de pertencimento, acolhimento e reconhecimento de suas potencialidades. Além disso, ao conhecer variadas formas de manifestações culturais, os alunos desenvolvem o respeito, a empatia e a valorização das diferenças. Risner (2024) enfatiza que a dança, quando orientada por pedagogias humanizadoras e comprometidas com a justiça social, torna-se um espaço potente para a inclusão e para o reconhecimento da diversidade como elemento central do processo educativo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes, o ensino das manifestações artísticas deve proporcionar aos alunos o livre acesso a bens culturais, possibilitando a compreensão da diversidade de expressões presentes na sociedade e contribuindo para a formação de pessoas críticas (Brasil, 1997). Nesse sentido, a dança constitui uma grande e importante ferramenta para o desenvolvimento cultural.

2.3.2 Desenvolvimento Emocional

A dança, por sua vez, facilita o contato emocional dos alunos por diversos meios e táticas utilizadas em aula. A expressão corporal é um meio muito importante e uma grande aliada no desenvolvimento emocional dos alunos, por meio do qual o aluno consegue demonstrar ou até mesmo expor suas emoções e sentimentos através da dança e da expressão corporal.

Por sua vez, a dança tem um papel fundamental no desenvolvimento emocional dos alunos neurodivergentes, por proporcionar diversas oportunidades para a expressão de sentimentos, o reconhecimento das emoções e o fortalecimento da autoestima. Com isso, o movimento e a expressão corporal fazem com que os alunos consigam se comunicar e expor suas emoções e experiências que, muitas vezes, são difíceis de serem verbalizadas e demonstradas, tornando a dança uma aliada de suma importância para a comunicação e para o autoconhecimento.

Para os alunos neurodivergentes, como aqueles com transtorno do espectro autista (TEA) e o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), a dança se torna um local

de segurança para suas manifestações de sentimentos, ajudando na redução da ansiedade, no desenvolvimento da autoconfiança e no controle emocional. Segundo Marques (2010), a dança, por sua vez, permite que o sujeito explore cada vez mais suas emoções, expresse suas subjetividades e desenvolva cada vez mais consciência de si próprio e de suas relações com o próximo. Teixeira-Machado (2015) reforça essa perspectiva ao demonstrar que a dançaterapia pode promover consciência cognitiva e emocional em pessoas com Transtorno do Espectro Autista, atuando como uma intervenção que ativa vias de regulação emocional e comunicação.

Além da expressão corporal presente nas atividades de dança, isso possibilita que muitos outros alunos identifiquem e compreendam suas emoções e sentimentos, além de ajudar na construção de vínculos afetivos e no fortalecimento das relações interpessoais. Nesse sentido, a dança acabou se tornando uma poderosíssima aliada no desenvolvimento socioemocional, pois influencia o respeito, a empatia e a valorização das vivências individuais e coletivas.

Segundo Vygotsky (1998), as emoções e o desenvolvimento cognitivo estão diretamente associados às interações sociais e às experiências vividas pelos sujeitos. Sendo assim, a participação em aulas de dança oferece momentos significativos, permitindo que os alunos adquiram habilidades emocionais, como, por exemplo, autocontrole, cooperação e a capacidade de lidar com diferentes situações, frustrações e sentimentos que são vividos no dia a dia.

Laban (1990) destaca também que o movimento corporal está ligado aos aspectos emocionais do sujeito, pois o corpo também expressa os sentimentos, percepções e desejos que acabam contribuindo para a construção da identidade. Desse jeito, a dança não se limita apenas ao desenvolvimento artístico, mas também constitui um grande recurso para a promoção da saúde emocional e do equilíbrio afetivo dos estudantes neurodivergentes.

Estudos recentes reforçam a importância da dança para o bem-estar emocional de pessoas neurodivergentes. Pesquisas indicam que a dança em contextos inclusivos promove a regulação afetiva e o fortalecimento da autonomia em crianças com transtornos do neurodesenvolvimento, contribuindo para sua participação social e para a construção de vínculos significativos com os demais (Krejcová & Pinheiro, 2025). Além disso, a dançaterapia tem se mostrado uma intervenção eficaz para a redução de comportamentos relacionados à ansiedade e ao estresse em pessoas com Transtorno do Espectro Autista, favorecendo o

desenvolvimento de habilidades socioemocionais essenciais para a convivência em grupo (Teixeira-Machado, 2015).

Com isso, a dança contribui grandemente para o desenvolvimento emocional dos alunos neurodivergentes quando se oferece um espaço de expressão, acolhimento e respeito. Por meio das vivências corporais e artísticas, os alunos acabam desenvolvendo ainda mais o autoconhecimento, fortalecem mais sua autoestima, aprendem a lidar com seus sentimentos e ampliam suas possibilidades de convivência em grupo, favorecendo ainda mais seu desenvolvimento integral.

2.3.3 Desenvolvimento Motor

Por sua vez, a dança contribui grandemente com o desenvolvimento motor e com as habilidades motoras e psicomotoras, uma vez que envolve exercícios de lateralidade, equilíbrio, coordenação e noção espacial. Para alunos neurodivergentes, essas atividades ajudam no auxílio do desenvolvimento da consciência corporal e no aperfeiçoamento das capacidades psicomotoras.

Segundo Laban (1990), os movimentos são elementos essenciais para o desenvolvimento humano, porque, além de possibilitar ao indivíduo compreender seu próprio corpo, também estabelecem as relações entre suas ações, emoções e o ambiente no qual está inserido. Desse jeito, a prática da dança ajuda na aquisição de habilidades motoras fundamentais, além de estimular a criatividade e a expressão corporal.

Segundo Gallahue e Ozmun (2005), o desenvolvimento motor é um grande processo relacionado às mudanças que capacitam os movimentos ao longo da vida, sendo também influenciado pelas vivências e oportunidades oferecidas aos alunos. Assim, a participação em aulas de dança proporciona diversos estímulos importantes para o desenvolvimento das habilidades motoras básicas e especializadas, ajudando na coordenação, no controle postural, na agilidade e na percepção corporal.

Estudos recentes têm demonstrado os benefícios da dança para o desenvolvimento motor de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento. Uma pesquisa realizada com crianças em idade pré-escolar com transtornos do desenvolvimento demonstrou que aulas estruturadas de dança criativa, oferecidas em ambiente inclusivo, foram viáveis e eficazes como desafio de treinamento físico, resultando em melhora significativa do equilíbrio (Kempner et al., 2024). Outro estudo, que avaliou um programa de intervenção em dança para crianças e adolescentes com deficiências do neurodesenvolvimento, identificou melhora

significativa nas habilidades motoras em ambientes imprevisíveis, após apenas dez horas de participação (Anderson et al., 2024).

Além disso, a dança estimula o controle dos movimentos e a percepção do ritmo, habilidades que auxiliam os alunos neurodivergentes no desenvolvimento da autonomia e da independência em diversos contextos sociais e educacionais. Ao participar de aulas que envolvem deslocamentos, sequências motoras e movimentos coordenados, os alunos ampliam seu repertório motor e aprimoram a execução de tarefas cotidianas. Pesquisas indicam que a dança terapêutica beneficia a saúde mental, social e cognitiva, por meio da comunicação, do desenvolvimento motor e da conexão emocional (Faria et al., 2022). A dança também pode otimizar o comportamento neuropsicomotor de jovens com transtornos autistas, promovendo melhorias no equilíbrio e na marcha (Teixeira-Machado, 2015).

Estudos mais recentes reforçam esses achados. Pinheiro e Krejcová (2025) investigaram os efeitos da metodologia Coordenando-se® no desenvolvimento psicomotor de crianças neurotípicas e neurodivergentes em idade escolar, demonstrando que intervenções baseadas em práticas motoras e cognitivas representam uma ferramenta promissora para o desenvolvimento de habilidades essenciais de aprendizado.

2.4 A dança no ambiente informal: uma perspectiva inclusiva

Os ambientes informais de educação compreendem espaços como centros comunitários, associações culturais, grupos de dança, projetos sociais, igrejas, organizações não governamentais, clubes, praças, espaços públicos e demais locais em que ocorrem experiências educativas sem obrigatoriedade de um currículo formal. Dessa forma, esses espaços, embora não possuam a estrutura da escola, desempenham um papel importante na formação humana, favorecendo o desenvolvimento de valores, habilidades sociais, autonomia e participação cidadã (Gohn, 2010).

Nessa perspectiva, a educação ocorre em diferentes contextos da vida social e não se restringe somente ao ambiente escolar. Além da educação formal, desenvolvida em instituições de ensino por meio de currículos e práticas sistematizadas, existem também espaços de educação informal, formados por processos de aprendizagem que acontecem de maneiras espontâneas nas relações familiares, comunitárias, culturais e sociais. Nesses ambientes, os conhecimentos são construídos por meio das vivências cotidianas, das interações entre pessoas e da participação em atividades culturais, esportivas e recreativas (Libâneo, 2005).

Diante disso, a dança, enquanto forma artística e expressão cultural, possui enorme relevância no contexto educacional, contribuindo para a formação integral dos alunos. No espaço informal, ela vai muito além da simples aprendizagem de técnicas corporais e movimentos, atuando como uma poderosa ferramenta pedagógica capaz de ajudar no desenvolvimento social, motor, cultural e cognitivo. Nesse sentido, a perspectiva da educação inclusiva na dança torna-se fundamental para a participação, a valorização das diferenças e a formação de relações respeitadas entre os alunos.

A educação inclusiva tem como prioridade garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os alunos, independentemente de suas características sensoriais, físicas, sociais, neurológicas e cognitivas. Nesse parâmetro, a dança se inclui como prática adaptável e acessível, dando liberdade a cada sujeito para participar de acordo com as suas necessidades, possibilidades e potencialidades. Ao valorizar a expressão corporal e a criatividade, essa manifestação artística acaba rompendo com os modelos padronizados de desempenho e reconhece a diversidade como um grande elemento do processo educacional.

Ao atribuir à expressão corporal, à criatividade e à livre manifestação dos sentimentos um lugar central, a dança quebra os modelos de desempenho e reconhece a diversidade humana como um forte elemento essencial ao processo educativo. Segundo Marques (2010), a dança na educação não deve ser apenas compreendida como reprodução de movimentos técnicos, mas também como uma forma de favorecer a construção de conhecimentos, a valorização das diferenças e o desenvolvimento da autonomia e da identidade dos indivíduos.

No ambiente informal, a dança possibilita a grandiosa criação de convivências nas quais os alunos aprendem a respeitar as diferenças, a colaborar com os amigos e a desenvolver um sentimento de pertencimento ao grupo. As atividades coletivas contribuem para a interação social e fortalecem valores como empatia e cooperação nas experiências corporais partilhadas durante as aulas de dança. Segundo Vygotsky (1998), o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais, sendo as vivências compartilhadas fundamentais para a construção da aprendizagem e do desenvolvimento integral do sujeito.

Além da interação social, outro aspecto importante é a contribuição da dança no desenvolvimento da autoestima e autonomia. Ao explorar movimentações, criar sequências, coreografias e se expressar através das emoções por meio do corpo, os alunos ampliam sua percepção de si próprios e, de certa forma, desenvolvem confiança. Esse processo é importante para os alunos que enfrentam limitações na aprendizagem ou até mesmo na participação social, onde acabam tendo grandes experiências de sucesso e reconhecimento dentro do ambiente informal. De acordo com Freire (1996), a educação deve possibilitar que os alunos se

reconheçam como figuras principais de seu processo de aprendizagem, desenvolvendo autonomia, senso crítico e confiança em suas capacidades.

A dança também favorece um grande desenvolvimento psicomotor e motor, que contribui para o equilíbrio, a coordenação motora, a lateralidade, a noção de espaço e a consciência corporal. Essas habilidades são de extrema importância para um desenvolvimento global dos alunos e podem ser trabalhadas de maneiras lúdicas, o que, de certa forma, acaba sendo um método mais fácil e divertido para a aprendizagem. De acordo com Gallahue e Ozmun (2005), as experiências motoras proporcionadas durante a infância e a adolescência são de extrema importância para o desenvolvimento das capacidades motoras.

Paralelamente aos benefícios motores, a dança contribui com um papel importante na valorização da diversidade. Ao abranger o contato com diversas manifestações artísticas e tradições populares, amplia-se também o repertório cultural dos alunos e promove-se o conhecimento da diversidade na sociedade. Desse jeito, o ambiente informal contribui também para a formação de sujeitos mais conscientes, respeitosos e críticos em relação às diferenças culturais e sociais. Segundo a UNESCO (2002), a diversidade cultural constitui um patrimônio comum da humanidade e seu reconhecimento é muito importante para a formação de sociedades ainda mais inclusivas, democráticas e respeitadas.

Diante desse cenário, conclui-se que a dança no ambiente informal, em uma perspectiva inclusiva, tende a uma prática educativa que favorece não só a parte artística, mas também o desenvolvimento integral dos alunos. Ao promover grandes experiências de convivência, expressão e valorização da diversidade, a dança contribui para a construção de um ambiente mais democrático e firme com os princípios da inclusão.

Com base nesses argumentos, a presente pesquisa foi desenvolvida na academia FUNFIT KIDS no intuito de investigar e estudar a importância da dança e suas contribuições no ambiente informal, onde as crianças pertencentes ao local possam adquirir habilidades motoras, cognitivas, sociais e afetivas, por meio das atividades lúdicas e expressivas propostas durante as aulas.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Investigar a importância da dança no ambiente informal como prática pedagógica inclusiva, analisando suas contribuições para o desenvolvimento social, cultural, emocional e motor de estudantes neurodivergentes.

3.2 Objetivos específicos

- Analisar a contribuição da dança para a inclusão de alunos com diferentes características e necessidades.
- Identificar as contribuições da dança para o desenvolvimento social, emocional, cultural e motor dos estudantes no âmbito escolar.
- Compreender o papel da dança na promoção do respeito à diversidade no ambiente escolar.
- Investigar como a dança pode favorecer a socialização dos estudantes nas atividades escolares

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvido por meio de perguntas elaboradas em uma enquete. A escolha da abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender as contribuições da dança no ambiente informal para além de dados mensuráveis, adentrando o universo de significados, percepções e experiências que o movimento desperta nos sujeitos (Minayo & Costa, 2018). Quanto à natureza descritiva, Gil (2019) destaca que esse tipo de pesquisa descreve características de determinado fenômeno, permitindo delinear as contribuições da dança para o desenvolvimento social, emocional, cultural e motor dos alunos neurodivergentes.

Para a construção do referencial teórico, foram consultados artigos e documentos oficiais relacionados à dança na educação inclusiva, possibilitando o embasamento científico para a discussão dos resultados. A análise desses materiais permite identificar como a dança favorece processos de inclusão, socialização e empatia, além de compreender sua relevância como ferramenta pedagógica para práticas educativas mais inclusivas.

Espera-se que os resultados desta pesquisa ampliem as discussões sobre a utilização da dança nos ambientes formal e informal, evidenciando seu potencial para a valorização das diferenças, o fortalecimento das relações interpessoais e a construção de uma educação mais inclusiva.

4.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de uma enquete elaborada com perguntas alinhadas aos objetivos da pesquisa. Para Marconi e Lakatos (2021), a enquete consiste em uma técnica de investigação composta por perguntas objetivas, permitindo ao pesquisador obter informações diretas dos participantes sobre o fenômeno estudado. Neste estudo, a enquete revela-se um instrumento adequado para acessar a percepção dos responsáveis sobre os impactos da dança na vida das crianças, traduzindo em dados concretos as transformações que o movimento e a expressão corporal proporcionam no cotidiano.

Os participantes foram os pais dos alunos da academia FUNFIT KIDS, crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A participação ocorreu de forma voluntária, assegurando-se o respeito aos princípios éticos da pesquisa.

O questionário foi composto por perguntas objetivas, com opções de resposta "Sim", "Parcialmente" e "Não", e teve como objetivo compreender a contribuição da dança para o desenvolvimento infantil e para a inclusão social. As questões abordaram aspectos relacionados à contribuição da dança para a inclusão de alunos neurodivergentes, à promoção do respeito à diversidade, à socialização e ao desenvolvimento emocional, cultural e motor.

A enquête foi aplicada por meio de um formulário digital, garantindo a participação voluntária dos responsáveis. As perguntas foram enviadas aos participantes por meio de um grupo no WhatsApp, possibilitando maior acessibilidade e praticidade na coleta dos dados. A partir das respostas obtidas, foi elaborado um gráfico para facilitar a visualização e a interpretação dos resultados, contemplando a percepção dos participantes acerca dos benefícios da dança em diferentes contextos.

AS PERGUNTAS DA ENQUETE FORAM AS SEGUINTE:

P1 – Você acredita que a prática da dança em ambientes informais (comunidades, projetos sociais, igrejas, academias e espaços de lazer) contribui para o desenvolvimento social e emocional das crianças?

SIM () NÃO () PARCIALMENTE ()

P2 – Na sua opinião, a dança em ambientes informais contribui para inclusão e a convivência entre pessoas com diferentes características, habilidades e necessidades?

SIM () NÃO () PARCIALMENTE ()

P3 – Você considera que a participação em aulas de dança contribui para o respeito à diversidade e para a redução de preconceitos e da exclusão social?

SIM () NÃO () PARCIALMENTE ()

P4 – Em sua percepção, a dança em ambientes informais oferece a participação e desenvolvimento para pessoas neurodivergentes e com deficiências?

SIM () NÃO () PARCIALMENTE ()

Após a coleta, os dados obtidos foram organizados em gráficos para facilitar a análise e a interpretação dos resultados. As respostas foram a luz do referencial teórico adotado na pesquisa.

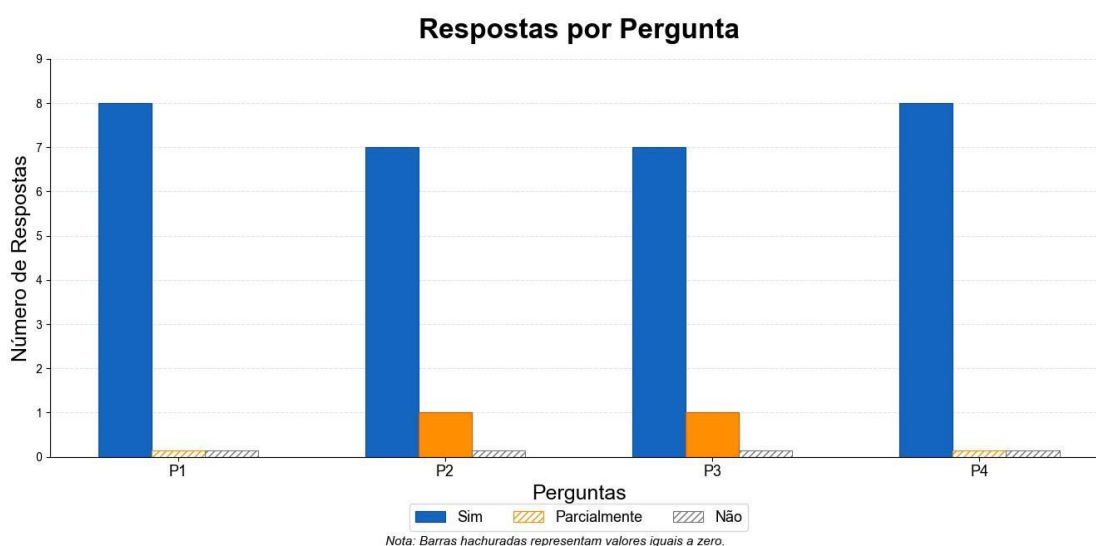
5. RESULTADOS & DISCUSSÃO

Foram obtidas 7 respostas dos questionários enviados aos pais por meio de um grupo composto por 10 responsáveis, representando uma taxa de participação de 70% dos participantes. Embora três pessoas não tenham respondido às enquetes, o número de

respondentes é considerável, pois possibilitou a coleta de informações relevantes para a análise dos dados e a compreensão acerca da visão dos pais em torno do tema investigado.

Os resultados obtidos foram bastante positivos, com predominância de 7 respostas "SIM" em todas as quatro perguntas, e menor proporção de respostas "PARCIALMENTE", com apenas 2 respostas obtidas em duas enquetes. Não houve respostas "NÃO". A análise dos gráficos demonstra de forma clara que os participantes reconhecem a dança como uma importante ferramenta para o desenvolvimento social e motor das crianças, além de favorecer a inclusão, a convivência com pessoas diferentes e a redução do preconceito e da exclusão social. Estão apresentados na Figura 1, que sintetiza as respostas dos participantes para cada uma das quatro perguntas formuladas.

Figura 1 – Gráfico de Respostas por Perguntas.



Fonte: Autora, 2026.

5.1 A contribuição da dança para a inclusão de alunos com diferentes características e necessidades no ambiente informal

A dança, quando desenvolvida em ambientes informais, como projetos sociais, grupos comunitários, centros culturais, igrejas e atividades extracurriculares, desempenha um papel fundamental na inclusão de alunos com diferentes características e necessidades. Esses espaços, geralmente mais flexíveis que o ambiente escolar formal, favorecem a participação de crianças e jovens, respeitando suas individualidades, ritmos de aprendizagem e formas de expressão. Segundo Marques (2010), a dança é uma linguagem artística capaz de promover o desenvolvimento humano por meio da expressão, da criatividade e da interação social. Nesse

sentido, a prática da dança em ambientes informais possibilita a construção de relações interpessoais mais inclusivas, estimulando o respeito às diferenças e a valorização das potencialidades e das individualidades de cada participante.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) destaca a importância da eliminação de barreiras que dificultam a participação plena dos indivíduos na sociedade. Embora o documento esteja voltado para o contexto educacional formal, seus princípios se aplicam também aos espaços informais, onde a dança atua como mediadora da inclusão social, da autonomia e da participação de todos os sujeitos.

Pesquisas recentes têm avançado na compreensão sobre como a dança pode ser uma ferramenta eficaz para a inclusão de pessoas neurodivergentes. Corrêa, Allemand e Silva (2024) refletem sobre o papel docente e as possibilidades metodológicas de ensino que se relacionam com o desejo de compreender o corpo autista como protagonista de danças possíveis, destacando a importância da acessibilidade atitudinal e de estratégias como planejamentos que proporcionem previsibilidade e uso de recursos visuais. Essa perspectiva se alinha com os achados da presente pesquisa, nos quais os pais reconheceram a dança como facilitadora da inclusão e do pertencimento, sugerindo que o ambiente informal, por sua natureza mais flexível, pode ser um espaço privilegiado para a implementação dessas práticas.

Nessa direção, Proscêncio e Deliberato (2023) apresentam a dança como linguagem artística com potencialidade para ser desenvolvida em contextos inclusivos, a partir de uma pesquisa colaborativa realizada em uma escola com uma aluna com deficiência. Os autores demonstram que a dança criativa pode ser uma possibilidade para o desenvolvimento de práticas que atendam às orientações de documentos norteadores da educação, o que reforça a importância de se pensar a dança também nos espaços informais como ferramenta de inclusão.

Essas contribuições reforçam a importância de se investigar a dança em espaços não formais, onde a rigidez curricular é menor e há maior espaço para a experimentação e o acolhimento das diferenças. Dessa forma, a dança em ambientes informais constitui uma importante ferramenta de inclusão social, pois promove a convivência entre diferentes indivíduos, estimula o respeito à diversidade, a empatia e favorece o desenvolvimento integral dos participantes. Ao proporcionar experiências artísticas e corporais, a dança cria oportunidades de participação, pertencimento e reconhecimento das potencialidades de cada sujeito, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva, respeitosa e democrática.

5.2 O papel da dança na promoção do respeito a diversidade no ambiente informal

Para Freire (1996), a educação deve ser fundamentada no diálogo, no respeito às diferenças e na valorização dos saberes e das experiências de cada sujeito. Sob essa perspectiva, a dança favorece a construção de relações mais democráticas e inclusivas, pois estimula a participação coletiva e o reconhecimento de que a diversidade é um elemento essencial para a convivência social.

Diante disso, a dança desempenha um papel de extrema relevância na promoção do respeito à diversidade no ambiente informal, uma vez que possibilita a convivência entre alunos de diferentes culturas, faixas etárias, características físicas e cognitivas. Em espaços informais, a prática da dança favorece o reconhecimento das diferenças como elementos importantes das experiências coletivas, contribuindo para a formação de atitudes de respeito e empatia entre os alunos. Nessa direção, Uchoa e Lerro (2025) destacam que a dança popular, ao ser incorporada de forma crítica e intencional na educação, constitui-se como prática pedagógica transformadora, capaz de articular identidade, diversidade e cidadania, promovendo o diálogo entre culturas e incentivando o respeito à diversidade. Esse entendimento se alinha com os resultados da presente pesquisa, nos quais os pais reconheceram a dança como uma ferramenta eficaz para a redução de preconceitos e para a valorização das diferenças, sugerindo que o ambiente informal, por sua natureza mais flexível, potencializa esse processo.

De acordo com Vygotsky (1998), o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais e das experiências compartilhadas. Assim, a participação em atividades de dança no ambiente informal possibilita o fortalecimento das relações interpessoais, o desenvolvimento da empatia e a construção de valores relacionados ao respeito às diferenças, favorecendo uma convivência baseada na aceitação e na valorização da diversidade. Nesse contexto, estudos apontam que a dança em espaços não formais proporciona aprendizagem, respeito pelo outro, interação social e bem-estar, melhorando a qualidade de vida dos participantes na sociedade (Barros, 2023). Além disso, pesquisas indicam que a dança pode contribuir para a inclusão educacional e social de pessoas com deficiência, trabalhando aspectos como autoestima, confiança, equilíbrio emocional e respeito às diferenças (Carneiro & Lessa, 2024). Os autores ressaltam, ainda, que a dança inclusiva enfrenta barreiras, como a falta de acessibilidade nos espaços e a qualificação de profissionais, o que reforça a importância de se pensar a dança também nos espaços informais como um campo fértil para práticas mais acolhedoras e menos burocráticas.

Sendo assim, a dança, quando aplicada e desenvolvida em ambientes informais, constitui uma poderosa ferramenta de interação e desenvolvimento, fortalecendo valores de inclusão, respeito e cidadania essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Conforme evidenciado por Batista, Brisola e Gomes (2023), a dança é considerada uma forte ferramenta de inclusão social, pois vai além da transformação dos movimentos corporais em significados poéticos e consegue fazer com que os sujeitos que dela se beneficiam passem por uma transformação de vida em busca de dignidade e bem-estar. Os relatos de participantes de projetos sociais apontam conquistas subjetivas e objetivas por meio da dança, evidenciando a necessidade de políticas públicas para os segmentos excluídos da sociedade

5.3 A dança como instrumento de socialização dos alunos nas atividades informais

A dança favorece significativamente a socialização dos alunos nas atividades informais, pois proporciona momentos de interação, troca de experiências e fortalecimento de vínculos afetivos. Por meio das atividades corporais e expressivas, os alunos têm a oportunidade de estabelecer vínculos, desenvolver habilidades de comunicação e sentimento de pertencimento ao grupo.

Com base em Freire (1996), as práticas educativas devem promover o diálogo e a valorização das experiências dos alunos. Assim, a dança cria espaços de convivência nos quais os alunos podem expressar sentimentos, compartilhar vivências e desenvolver o respeito, a solidariedade e outros aspectos essenciais para a socialização. Os dados obtidos na pesquisa com os pais indicam que eles percebem a dança como promotora de interação e confiança, o que se alinha com a perspectiva freireana de uma educação pautada no diálogo e no acolhimento.

Nessa direção, Machado, Rocha e Oliveira (2025) destacam que a dança desempenha um papel fundamental no desenvolvimento socioemocional, pois estimula a expressão, a interação e o reconhecimento do outro como sujeito de direitos. Os autores enfatizam que as atividades rítmicas e expressivas em contextos educativos informais contribuem para a construção de vínculos afetivos e para a formação de sujeitos mais colaborativos e empáticos, o que corrobora os achados da presente pesquisa, nos quais os pais reconheceram a dança como facilitadora da socialização e do pertencimento.

Além disso, a dança contribui para o fortalecimento da autoestima e da autoconfiança, fatores que influenciam diretamente o processo de socialização. Ao se sentirem acolhidos e valorizados, os alunos ampliam suas relações sociais e desenvolvem maior segurança para interagir com outros sujeitos. Estudos indicam que a dança terapêutica beneficia a saúde mental,

social e cognitiva, por meio da comunicação, do desenvolvimento motor e da conexão emocional (Faria et al., 2022). A dança também pode otimizar o comportamento neuropsicomotor de jovens com transtornos autistas, promovendo melhorias no equilíbrio, na marcha e, conseqüentemente, na sua participação social (Teixeira-Machado, 2015).

A prática da dança em ambientes educativos informais também estimula o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, respeito mútuo e responsabilidade coletiva. Diante das atividades, os alunos aprendem a ouvir, compartilhar espaços, colaborar na construção de coreografias e respeitar as limitações e habilidades de cada integrante do grupo. Pesquisas recentes indicam que a dança em contextos inclusivos promove o bem-estar emocional e a regulação afetiva de crianças neurodivergentes, fortalecendo sua participação social e sua autonomia (Krejcová & Pinheiro, 2025), o que se alinha com os resultados obtidos na presente pesquisa.

Silva e Rezende (2023) acrescentam que a dança quando vivenciada em grupo favorece o desenvolvimento de habilidades sociais, como cooperação, respeito mútuo e solidariedade, fundamentais para a convivência em sociedade. Os autores ressaltam que, ao dançar juntos, os alunos aprendem a confiar uns nos outros, a compartilhar momentos e a construir significados coletivos, o que contribui para a superação de isolamentos e para a efetivação de processos de inclusão social, especialmente em espaços não formais onde as barreiras hierárquicas e curriculares são menores.

Desse modo, a dança desenvolvida em atividades educativas informais contribui não apenas para o desenvolvimento corporal e artístico, mas também para a formação humana e social dos alunos. Ao favorecer a interação e o respeito, essa prática reafirma seu papel como instrumento de inclusão, cidadania e desenvolvimento integral.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como principal objetivo investigar a importância da dança no ambiente informal como prática pedagógica inclusiva, observando suas contribuições para o desenvolvimento social, cultural, emocional e motor de alunos neurodivergentes. A partir do referencial teórico e dos dados coletados junto aos responsáveis dos alunos da FUNFIT KIDS, foi possível constatar que a dança desempenha um papel crucial no processo de inclusão e no desenvolvimento integral das crianças.

Os resultados mostram que a dança em ambientes informais favorece a socialização, a autoestima, o respeito à diversidade e a redução do preconceito e da exclusão social. Além disso, mostrou-se uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, emocionais e culturais, corroborando a literatura e a percepção dos pais.

No que se refere aos alunos neurodivergentes, compreendeu-se que a dança contribui para a expressão de sentimentos, o desenvolvimento da comunicação, a autonomia, a concentração e a construção de relações interpessoais mais saudáveis. As atividades em ambiente acolhedor e inclusivo, como a sala de dança, possibilitam que os alunos participem conforme suas potencialidades, fortalecendo o pertencimento e valorizando suas singularidades.

Quanto aos objetivos específicos, foi possível analisar a contribuição da dança para a inclusão, evidenciando que ela promove convivência, respeito às diferenças e reconhecimento das potencialidades de cada sujeito. Compreendeu-se seu papel na promoção do respeito à diversidade, fortalecendo valores como empatia, solidariedade e cidadania. Investigou-se como a dança favorece a socialização, criando espaços de convivência, vínculos afetivos e pertencimento. Por fim, identificaram-se suas contribuições para o desenvolvimento social, emocional, cultural e motor, atuando de forma integrada e reafirmando seu potencial como prática pedagógica transformadora.

Dessa forma, a dança no ambiente informal ultrapassa o caráter artístico e recreativo, constituindo-se como prática educativa transformadora, promotora de inclusão, empatia e respeito às diferenças. Torna-se relevante que projetos, academias, grupos comunitários e demais espaços valorizem a dança como instrumento pedagógico, contribuindo para uma sociedade mais democrática, humana e inclusiva.

Espera-se que esta pesquisa amplie as discussões sobre a dança no contexto educacional, incentivando novas investigações e práticas que reconheçam a arte e o movimento como caminhos para o desenvolvimento integral e para uma educação verdadeiramente inclusiva e acolhedora.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, J. T.; TOOLAN, C.; COKER, E.; SINGER, H.; PHAM, D.; JACKSON, N.; LORD, C.; WILSON, R. B. A novel dance intervention program for children and adolescents with developmental disabilities: a pilot randomized control trial. *BMC Sports Science, Medicine and Rehabilitation*, v. 16, p. 109, 2024.

BARROS, Reviu. A dança e o teatro como aprendizagem na educação não-formal: algumas reflexões. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 746-755, abr. 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i4.9262.

BATISTA, Nídia; BRISOLA, Elisa Maria Andrade; GOMES, Celso Augusto dos Santos. Dança e inclusão social: limites e possibilidades. *Interação*, v. 25, n. 1, 2023. DOI: 10.33836/interacao.v25i1.774.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARNEIRO, Bruna Teixeira; LESSA, Amanda Tybel. Formação de professores de dança e educação inclusiva: uma revisão de literatura. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, São José dos Pinhais, v. 17, n. 1, p. 3935-3946, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.1-233.

CORRÊA, Josiane Gisela Franken; ALLEMAND, Débora Souto; SILVA, Rachel Campos Albaini da. Transtorno do espectro autista e dança na educação básica: práticas pedagógicas para a diversidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 3, n. 6, 2024. DOI: <https://doi.org/10.58786/rbed.2024.v3.n6.66531>

FARIA, I. S.; SILVA, P. T.; COUTINHO, S. A. Efeitos da dança na coordenação motora de crianças dentro do espectro autista. *Cadernos Uninter*, 2022.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

KEMPNER, K.; DIXON, M. W.; FAILLA, M. D.; HADLEY, S.; WORTHEN-CHAUDHARI, L. Structured, creative dance classes for children with developmental disabilities: a pilot study of feasibility and preliminary effect on motor function. *Journal of Dance Medicine & Science*, v. 28, n. 3, p. 190-195, 2024.

KREJCOVÁ, L. V.; PINHEIRO, R. M. Dança e inclusão: a metodologia Coordenando-se® e seus efeitos no desenvolvimento psicomotor de crianças neuro típicas e neuro divergentes em idade escolar. *Scientific Society Journal*, 2025.

LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento. São Paulo: Summus, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, E. S.; ROCHA, L. P.; OLIVEIRA, M. A. Dança e desenvolvimento socioemocional na educação não formal: reflexões sobre a prática pedagógica. Revista Brasileira de Educação e Cultura, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2025. DOI: 10.33947/2966-0199-v1n1.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARQUES, Isabel A. Dançando na Escola. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. Revista Lusófona de Educação, Lisboa, v. 40, n. 40, p. 139-153, 2018.

PROSCÊNCIO, Patrícia Alzira; DELIBERATO, Débora. Dança como recurso para a participação de alunos com deficiência na rotina escolar. Revista de Educação e Psicologia, v. 14, n. 2, p. 443–460, 2023. DOI: <https://doi.org/10.30681/rebs.v14i2.10581>

RISNER, D.; MCNAMARA, J. Dancing mind, minding dance: socially relevant and personally resonant dance education. [S.l.]: Routledge, 2024.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade e cidadania. São Paulo: Editora, 2009.

SILVA, M. A.; REZENDE, M. S. Dança como prática social: contribuições para a formação humana em espaços não formais. Revista Educação e Diversidade, v. 5, n. 1, p. 1-20, 2023.

STINSON, S. W. Embodied curriculum theory and research in arts education: a dance scholar's search for meaning. Cham: Springer, 2015. (Landscapes: the Arts, Aesthetics, and Education, v. 17).

TEIXEIRA-MACHADO, L. Dançaterapia no autismo: um estudo de caso. Fisioterapia e Pesquisa, v. 22, n. 2, p. 205-211, 2015.

UCHOA, André Almeida; LERRO, Luiz Daniel. A dança popular na educação: perspectivas culturais e práticas pedagógicas. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 17, n. 9, p. 01-16, 2025. DOI: 10.55905/cuadv17n9-087.

UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Paris: UNESCO, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.